

**Influência familiar e escolar no desenvolvimento de crianças autistas:  
Uma revisão da literature****Family and school influence on the development of autistic children: A  
literature review**

DOI:10.34117/bjdv6n11-601

Recebimento dos originais: 25/10/2020

Aceitação para publicação: 27/11/2020

**Lucas dos Santos Pereira de Paula**

Graduação incompleta. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória  
(EMESCAM)

Endereço institucional: Av. Nossa Senhora da Penha, 2190 – Santa Luiza – Vitória, ES –  
29045-402.

E-mail: lucasdpsantos98@gmail.com

**Maitê Bastos Gomes**

Graduação incompleta. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória  
(EMESCAM)

Endereço institucional: Av. Nossa Senhora da Penha, 2190 – Santa Luiza – Vitória, ES –  
29045-402.

E-mail: maitebgomes@outlook.com

**Pedro Antônio Merlo Martins**

Graduação incompleta. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória  
(EMESCAM)

Endereço institucional: Av. Nossa Senhora da Penha, 2190 – Santa Luiza – Vitória, ES –  
29045-402.

E-mail: pedroantonioerlo2019@gmail.com

**Sarah Portes de Oliveira**

Graduação incompleta. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória  
(EMESCAM)

Endereço institucional: Av. Nossa Senhora da Penha, 2190 – Santa Luiza – Vitória, ES –  
29045-402.

E-mail: sarah.link12356@gmail.com

**Sarah Reis Lima**

Graduação incompleta. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória  
(EMESCAM)

Endereço institucional: Av. Nossa Senhora da Penha, 2190 – Santa Luiza – Vitória, ES –  
29045-402

E-mail: sarahreislma@hotmail.com

**Thaís Bicalho Faco**

Graduação incompleta. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM)

Endereço institucional: Av. Nossa Senhora da Penha, 2190 – Santa Luiza – Vitória, ES – 29045-402

E-mail: thais.bfaco@gmail.com

**Loise Cristina Passos Drumond**

Mestrado. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM). Endereço institucional: Av. Nossa Senhora da Penha, 2190 – Santa Luiza – Vitória, ES – 29045-402

E-mail: loise.drumond@emescam.br

**Marcela Souza Lima Paulo**

Doutorado. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM)

Endereço institucional: Av. Nossa Senhora da Penha, 2190 – Santa Luiza – Vitória, ES – 29045-402

E-mail: marcelasouzalimapaulo@gmail.com

**RESUMO**

**Introdução:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta particularidades e, em geral, acarreta complicações sociais e na comunicação verbal e não verbal. Apesar da dificuldade de convívio, percebe-se que o contexto em que o autista está inserido é determinante para o seu desenvolvimento. **Objetivo:** Conhecer a influência familiar e escolar no desenvolvimento da criança autista. **Método:** Trata-se de uma revisão realizada no período de agosto de 2019 a julho de 2020, no PubMed/MEDLINE e na Biblioteca Virtual em Saúde, utilizando-se as combinações dos descritores “Autism Spectrum Disorder” OR “Autistic” AND “Mainstreaming, Education” e “Autism Spectrum Disorder” OR “Autistic” AND Family AND “Mainstreaming, Education”, selecionados do MeSH. Utilizaram-se artigos nos idiomas inglês e português, publicados de 2015 a 2020, que envolviam crianças. Na sequência, fez-se a exclusão de trabalhos após leitura do título e resumo e, por fim, a leitura completa dos artigos para elaboração deste trabalho. **Resultados:** Verificou-se a partir dos 12 artigos selecionados um aumento da incidência do autismo nas últimas décadas. Assim, percebeu-se a necessidade do contexto social no processo de inclusão desses indivíduos, destacando a relevância da família e da escola. Observou-se que a coparentalidade somada à expectativa positiva dos pais podem impulsionar um melhor desenvolvimento da criança autista. A construção de um relacionamento forte e de qualidade com outras crianças de mesma faixa etária mostrou-se fundamental e, para tanto, os estudos mostraram que as famílias de crianças não autistas deveriam se atentar a educar seus filhos a respeito da convivência com a diversidade. O modelo construtivista, que abrange a necessidade de turmas menores, bem como planos educacionais individualizados, apresentou-se eficaz na inclusão escolar dessa criança. Assim, a especialização em educação inclusiva dos professores percebeu-se imprescindível na socialização da criança com TEA. **Conclusão:** O desenvolvimento da autonomia da criança autista na comunidade, como também a sua inclusão social está atrelada à influência da família, da escola e de um ambiente propício para estimular sua cognição.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista, Família, Inclusão educacional.

**ABSTRACT**

**Introduction:** Autistic Spectrum Disorder (ASD) has particularities and, in general, causes social and verbal and non-verbal communication complications. Despite the difficulty of living together, it is clear that the context in which the autistic person is inserted is decisive for his development. **Objective:** To know the family and school influence on the development of the autistic child. **Method:** This is a review carried out from August 2019 to July 2020, at PubMed / MEDLINE and at the Virtual Health Library, using the combinations of the descriptors “Autism Spectrum Disorder” OR “Autistic” AND “Mainstreaming , Education ”and“ Autism Spectrum Disorder ”OR“ Autistic ”AND Family AND“ Mainstreaming, Education ”, selected from MeSH. Articles in English and Portuguese, published from 2015 to 2020, involving children were used. Subsequently, works were excluded after reading the title and abstract and, finally, the full reading of the articles for the preparation of this work. **Results:** There was an increase in the incidence of autism from the 12 selected articles in recent decades. Thus, the need for a social context in the inclusion process of these individuals was realized, highlighting the relevance of the family and the school. It was observed that coparenting coupled with the positive expectation of parents can drive a better development of the autistic child. The construction of a strong and quality relationship with other children of the same age group proved to be fundamental and, for this, studies showed that the families of non-autistic children should pay attention to educating their children about living with diversity. The constructivist model, which covers the need for smaller classes, as well as individualized educational plans, proved to be effective in the school inclusion of this child. Thus, the specialization in inclusive education of teachers was seen as essential in the socialization of children with ASD. **Conclusion:** The development of the autism of the autistic child in the community, as well as their social inclusion, is linked to the influence of the family, the school and an enabling environment to stimulate their cognition.

**Keywords:** Autistic Spectrum Disorder, Family, Educational inclusion.

**1 INTRODUÇÃO**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio cognitivo caracterizado por conter, principalmente, manifestações no âmbito da comunicação verbal e não verbal, social, restritos interesses e comportamentos repetitivos.<sup>1</sup> Além disso, é importante afirmar que o indivíduo possui particularidades quanto aos sintomas e, por esse aspecto, cada paciente deve ser tratado de forma individualizada, inclusiva e assistida.

Nota-se que o contexto vivenciado pelo autista não se mostra bem-sucedido no processo de sua inserção, devido à complexa conjuntura que prejudica o seu tratamento. Assim, esse artigo reside na importância de se perceber a ausência de um olhar holístico e a presença de lacunas na socialização desses indivíduos. Por isso, torna-se fundamental que o núcleo familiar, a estrutura escolar e a sociedade garantam, de forma integrada, que suas necessidades sejam atendidas.

Visando a evolução desse cenário, o presente artigo revisará artigos publicados a partir de 2014, a fim de apresentar a influência e o papel da família e da escola no desenvolvimento

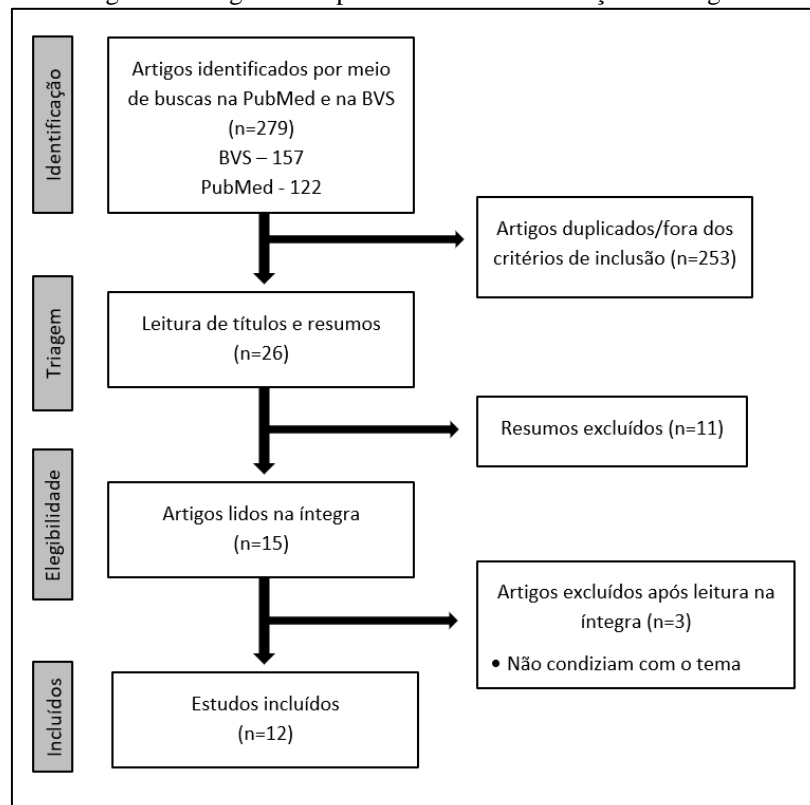
e tratamento das crianças com o Transtorno do Espectro Autista. Com isso, espera-se que, com a abordagem dos estudos sintetizados, seja possível ampliar o conhecimento sobre o TEA e incentivar a melhora do panorama atual.

## 2 MÉTODOS

A revisão da literatura foi feita, entre agosto de 2019 e julho de 2020, na base de dados PubMed/MEDLINE (Literatura em Ciências da Saúde) e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os descritores selecionados no MeSH (*Medical Subject Headings*), foram combinados da seguinte forma: "Autism Spectrum Disorder" OR Autistic AND "Mainstreaming, Education"; "Autism Spectrum Disorder" OR Autistic AND Family AND "Mainstreaming, Education", encontrando-se, assim, 279 resultados.

Foram incluídos artigos originais, disponíveis para leitura na íntegra, publicados no período de 2015 a 2020, nos idiomas inglês e português, com foco em crianças pré-escolares. Assim, excluíram-se artigos pagos, duplicados e que não condiziam com o tema. Após esse processo, os estudos foram pré-selecionados pelo título e pela leitura dos resumos, sendo descartados aqueles que fugiam ao objetivo desta revisão. Em seguida, foram lidos na íntegra e analisados de forma independente e, com o consenso entre os pesquisadores, 12 artigos foram eleitos para o presente trabalho (Figura).

Figura: Fluxograma do processo de busca e seleção de artigos.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O autismo foi descrito pela primeira vez na Áustria, em 1943, pelo psiquiatra Leo Kanner. Ele, a partir de seus estudos, entendeu essa doença sob uma visão biologicista, na qual o indivíduo apresenta dificuldades de se relacionar socialmente.<sup>2</sup> Mediante essa descrição, surgiram outras hipóteses acerca das causas que levavam a esse transtorno. Até 1963, acreditava-se que o autismo tinha como causa o descuido dos pais, no que diz respeito à criação de seus filhos, uma concepção que foi contestada em 1983. Nesse respectivo ano, compreendeu-se que a doença está associada a alterações cognitivas e a fatores neurológicos desde a infância.<sup>3</sup> Assim, esse distúrbio passou a ser entendido como um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID).<sup>4</sup> Somente em 2013, a Associação de Psiquiatria adota a expressão “Transtorno do Espectro Autista” (TEA), fazendo com que os autistas sejam vistos com suas particularidades.<sup>5</sup>

Como definido anteriormente, o autismo é caracterizado por promover distúrbios na comunicação e no convívio social, além de apresentar restritos interesses, comportamentos repetitivos e isolamento contínuo.<sup>6,7</sup> Somado a isso, os portadores do TEA possuem dificuldades em externalizar e internalizar seus sentimentos, podendo resultar em quadros de hiperatividade, problemas de conduta, comportamentos antagônicos, ansiedade e depressão.<sup>8</sup> É importante destacar, que os seus sintomas possuem variações individuais, que podem ser desde ocorrências brandas até uma manifestação mais intensa, podendo-se afirmar que existem “autismos” e não “autismo”.<sup>9</sup>

Em geral, a expressão neurobiológica do TEA é observada através de imagens cerebrais, nas quais é possível perceber que os cérebros de indivíduos com esse distúrbio são maiores, mas suas conexões são mais deficientes. Esse exame também pode revelar disfunções em diversas partes do sistema nervoso central, tais como: cerebelos, lobos temporais e hipocampo.<sup>2</sup> Em alguns casos, eles apresentam ecolalia, isto é, repetição da fala de outras pessoas, sem apresentar sentimentalidade e individualidade. Isso se demonstra claramente na inversão dos pronomes eu e tu, que é interpretada pela psicanálise como a falta de interesse do autista em relação ao outro. Portanto, os portadores de TEA, normalmente, são indiferentes a pessoas e a objetos e, por causa disso, eles não possuem impedimentos em realizar movimentos repetitivos e estereotipados.<sup>9</sup>

No que diz respeito à epidemiologia do TEA, presume-se que atualmente a prevalência dessa doença é de 1 a cada 68 indivíduos, sendo que há 20 anos era de 1 a cada 2.500, percebendo-se um preocupante aumento de casos. Porém, é difícil especificar com exatidão

esses números, uma vez que a dificuldade de diagnóstico é uma realidade devido às multicausalidades.<sup>2,10,11</sup>

Esse aumento evidencia a necessidade de inclusão educacional desses autistas, mas, para que isso aconteça de forma eficaz, é preciso levar em consideração o contexto social em que o paciente está inserido.[U2] Assim, são determinantes os fatores culturais, o nível de escolaridade da população, os fatores econômicos, o modelo educacional e o modelo familiar.<sup>12,13</sup> Entretanto, os portadores do TEA encontram inúmeras barreiras, como a discriminação, a falta de transparência com a criança durante o tratamento, a hipervalorização da medicação em relação à potencialidade da inclusão social e a sua subestimação na sociedade, o que prejudica o empoderamento na construção de sua autonomia.<sup>14</sup> Apesar das dificuldades serem múltiplas, esse artigo terá, como enfoque, as de âmbito escolar e familiar.

A respeito do envolvimento da família com a criança autista, vale ressaltar a importância da coparentalidade, haja vista que a divisão não igualitária das tarefas gera a sobrecarga de um dos pais.<sup>15</sup> Paralelo a isso, a falta dessa união familiar afeta a inserção dos responsáveis na realidade do autista e, com isso, este fica mais suscetível a uma exposição desamparada, podendo refletir de forma negativa no seu desenvolvimento.<sup>10</sup>

Outro aspecto, acerca disso, é a constante tentativa dos familiares de desconstruir a visão estigmatizada do autista, pois, segundo eles, seus filhos não são tais qual a descrição dos manuais diagnósticos e fogem da padronização causada pela desinformação da sociedade. Apesar dessa concepção existente acerca do distúrbio, observa-se a expectativa positiva dos pais na capacidade de aprendizagem de seus filhos, sendo essa essencial para impulsionar o desenvolvimento acadêmico das crianças.<sup>2</sup> Pode-se afirmar, no entanto, que o envolvimento familiar, apesar de fundamental, é uma questão pouco abordada, devido à falta de estudos sobre essa questão.

Simultaneamente a isso, a inclusão escolar é uma ferramenta essencial e potencialmente terapêutica para os autistas, considerando que, com uma maior convivência com crianças da mesma faixa etária, eles ampliam seu convívio social e amenizam a sua introspecção.<sup>6,10</sup> Para tanto, é importante que a escola se configure de modo construtivista, levando propostas mais dinâmicas e menos engessadas.<sup>9</sup> Bons exemplos disso, são os planos educacionais individualizados, que amparem as crianças com TEA, de modo a reforçar suas particularidades, sem segregá-los. Dessa forma, percebe-se a relevância do desenvolvimento de um ambiente escolar propício para os autistas, com a criação de turmas menores, facilitando uma maior dedicação dos profissionais na construção do aprendizado dessas crianças.<sup>6,11,16</sup>

Em contramão à inclusão escolar, estão as práticas de intimidação sistemática, o que torna difícil para a criança com TEA construir um relacionamento forte e de qualidade com outros alunos, que assegure um progresso social constante.<sup>7,12</sup> Em relação a esse cenário, é importante afirmar que os autistas estão 4 vezes mais suscetíveis ao bullying do que crianças normais e, por isso, experimentam mais solidão e uma pior influência de amizades.<sup>13, 17</sup> Consequentemente, é imprescindível o papel das outras famílias na formação de crianças sensíveis às diversidades, que respeitem os alunos com esses transtornos, visando um ambiente apto para o desenvolvimento dos autistas.<sup>6</sup>

Tendo em vista a inserção social desse grupo e levando em consideração a necessidade de uma atenção especializada, uma vez que eles possuem o direito de serem diferentes, foram criadas leis na tentativa de suprir essa demanda.<sup>13</sup> Em 2012, o autismo foi legalmente classificado como uma deficiência e instituiu-se que os autistas devem ter acesso à educação com uma equipe multidisciplinar treinada, composta por psicólogos, professores, pedagogos e, se necessário, assistentes especializados os acompanhando nas salas de aula. Além disso, a lei garantiu o direito dos portadores do TEA de não serem barrados em escolas regulares devendo estas fornecer-lhes o devido suporte.<sup>1</sup>

Apesar de todos esses avanços no aspecto legal, encontra-se um cenário adverso na prática, principalmente, no que diz respeito ao professor. Eles relatam não ter embasamento teórico para lidar com o autista, bem como, destacam as condições incipientes do espaço físico das escolas, alegando a falta recursos materiais e pouco apoio de seus colegas e dos pais dessas crianças. Consequentemente, esses profissionais se encontram sobrecarregados, devido às múltiplas tarefas, como: passagem de conhecimento, intermédio das relações entre os colegas e relato do desenvolvimento do aluno para os responsáveis.<sup>16</sup> Por isso, é necessário um programa de formação desses profissionais, a fim de que tenham respaldo para lidar com essas questões.<sup>6</sup>

#### **4 CONCLUSÃO**

Por fim, pode-se afirmar que a família e a escola têm influência na criação de um ambiente propício para estimular o tratamento e o desenvolvimento da criança autista, de modo a desenvolver sua futura independência e participação ativa na comunidade como um aspecto, também, da inclusão social desse grupo.

**REFERÊNCIAS**

- [1] Campos LK, Fernandes FDM. School profile and language and cognitive abilities of children and adolescents with autism spectrum disorders. *Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. 2016 Jun 16; vol. 28
- [2] Lemos ELMD, Salomão NMR, Aquino FSB, Ramos CSA. Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. *Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, 2016.
- [3] Klin A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 2006; vol. 28(1): 3-11.
- [4] Bosa C, Callias M. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2000; vol. 13(1): 167-177.
- [5] American Psychiatric Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. American Psychiatric Publishing. 2013; (5)
- [6] Pimentel AGL, Fernandes FDM. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. 2014 abril/junho; vol. 19(2)
- [7] Anderson A, Locke J, Kretzmann M, AIR-B Network. Social network analysis of children with autism spectrum disorder: Predictors of fragmentation and connectivity in elementary school classrooms. *National Autistic Society*. 2016 Aug 20; vol. 20 (6): 700-709.
- [8] Charman T, Ricketts J, Dockrell JE, Lindsay G, Palikara O. Emotional and behavioural problems in children with language impairments and children with autism spectrum disorders. *International Journal of Language & Communication Disorders*. 2014 Jul 17; vol. 50: 84-93.
- [9] Nascimento VG, Silva ASP, Dazzani MVM. Acompanhamento terapêutico escolar e autismo: caminhos para a emergência do sujeito. *Estilos da Clínica*. 2015 dezembro; vol.20
- [10] Chang YC, Shih W, Kasari C. Friendships in preschool children with autism spectrum disorder: What holds them back, child characteristics or teacher behavior?. *National Autistic Society*. 2016 Jan 01; vol. 20(1) : 65-74.
- [11] Majoko T. Inclusion of Children with Autism Spectrum Disorders: Listening and Hearing to Voices from the Grassroots. *Journal of Autism and Developmental Disorders*. 2016 abril; vol.46 (4): 1429–1440.



- [12] Zablotsky B, Bradshaw CP, Anderson CM, Law P. Risk factors for bullying among children with autism spectrum disorders. National Autistic Society. 2014 May 01; vol.18(4): 419-427.
- [13] Dillenburger K, McKerr L, Jordan JA, Devine P, Keenan M. Creating an Inclusive Society... How Close are We in Relation to Autism Spectrum Disorder? A General Population Survey. Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities. 2015 Jul 11; vol.28(4): 330-340.
- [14] Fuentes J. Autism Spectrum Disorders: Ten Tips to Support Me. Journal of American Academy of Child & Adolescent Psychiatry. 2014 novembro; vol. 53(11): 1145–1146.
- [15] Sifuentes M, Bosa CA. Criando pré-escolares com autismo: características e desafios da coparentalidade. *Psicologia em Estudo*, Maringá. 2016 setembro; vol. 15(3): 477-485.
- [16] Mandy W, et al. Easing the transition to secondary education for children with autism spectrum disorder: An evaluation of the Systemic Transition in Education Programme for Autism Spectrum Disorder (STEP-ASD). National Autistic Society. 2016 Jul 01; vol. 20(5): 580-590.
- [17] Locke J, Ishijima EH, Kasari C, London N. Loneliness, friendship quality and the social networks of adolescents with high-functioning autism in an inclusive school setting. Journal of Research in Special Educational Needs. 2010;10:74–81.